

Financiamento da mídia independente e alternativa por fundações privadas internacionais¹

Camila Acosta CAMARGO²
FIAM-FAAM Centro Universitário, São Paulo, SP
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo apresenta discussão parcial de pesquisa em andamento no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP. Na tese, buscamos desvelar os sentidos de dominação de classe expressos na relação estabelecida entre poderes hegemônicos e mídia independente e alternativa. Levantamos a hipótese de que parte destas iniciativas é adotada como instrumento de dominação de classe uma vez que as relações sociais e de trabalho que emergem e se reproduzem deste campo são reflexos da força capitalista e determinadas, principalmente, pelos contratos de financiamento com fundações internacionais. Aqui apresentaremos as premissas teóricas do estudo, assim como resultados prévios.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; mídia independente; fundações privadas; hegemonia; terceiro setor.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo consiste na apresentação de discussão parcial de pesquisa de doutoramento em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Sob a ótica da economia política da comunicação, propomos uma reflexão teórica do fenômeno de financiamento da mídia alternativa por fundações privadas internacionais, no Brasil e na América Latina, à luz da tradição marxista. Partimos da hipótese de que há uma imbricação entre as relações de trabalho e produção de conteúdo comunicacional em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia (FIGARO, 2018) e os interesses hegemônicos representados pelas corporações financiadoras. A

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Para Cidadania, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora no FMU FIAM-FAAM Centro Universitário, integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/ECA-USP), doutoranda e mestre em Ciências da Comunicação (PPGCOM/ECA-USP). e-mail: camila.acosta.camargo@usp.br.

pesquisa parte do entendimento de que estas grandes fundações são simbólicas do fenômeno de ideologia do terceiro setor (MONTAÑO, 2002) para a expansão da racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) nas áreas consideradas de desenvolvimento social e assumidas como uma ‘questão social’ a ser gerenciada pelas instituições do mercado.

Esta iniciativa é fruto da inter-relação entre dois estudos precedentes: a dissertação de mestrado intitulada *A comunicação do “terceiro setor” como expressão do neoliberalismo: as práticas discursivas e os sentidos do trabalho em ONGs de comunicação* (CAMARGO, 2018) e a pesquisa temática *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia* (FIGARO, 2018), realizadas no âmbito do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho.

A seguir, apresentaremos os principais conceitos que sustentam a argumentação do estudo, assim como levantamentos de dados preliminares que subsidiarão a produção de futuras análises.

2. ARRANJOS ECONÔMICOS ALTERNATIVOS ÀS CORPORações DE MÍDIA

A terminologia ‘arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia’ foi alcunhada na pesquisa temática supracitada para se referir às iniciativas jornalísticas digitais estabelecidas como contraponto à produção midiática convencional. O conceito ‘arranjo’ tem inspiração em seu uso comum na língua portuguesa, como o ato de “pôr em ordem a partir de determinados fatores, buscando potencializar a energia própria, a disposição e a vontade” (FIGARO, 2018, p. 17). Também perpassa a teoria econômica, na qual ‘arranjos econômicos’ são conceituados como “aglomerações produtivas cujas articulações entre agentes locais não são suficientemente desenvolvidas para caracterizá-los como sistemas” (SUZIGAN 2004, p. 545 apud FIGARO, 2018, p. 18).

Nos anos recentes, pudemos observar a expansão destes novos modelos de produção de jornalismo alternativo e mídia independente (HILSENBECK FILHO et al, 2016), que decorrem não apenas dos impactos dos avanços tecnológicos no campo da circulação e do consumo, mas especialmente da reestruturação produtiva a partir do

avanço da automação (ANTUNES, 2018); das crises econômicas estruturais (MÉSZÁROS, 2009; HARVEY, 2018) e do consequente desemprego e esvaziamento das redações tradicionais (DEUZE; WITSCHGE, 2015).

Não à toa, um dos principais desafios enfrentados por estas iniciativas alternativas é o da busca por sustentabilidade financeira. Ao jornalista é imposto a necessidade de atuar de forma polivalente e multifuncional (NONATO, 2009), no qual sua função profissional se desloca da atividade exclusivamente jornalística para a gestão ampla de todo o negócio, prática que adquire nesta nova racionalidade o cunho discursivo de empreendedora e inovadora (SALGADO, 2013; CASAQUI, 2019), mas que em sua essência revela a precariedade a qual está submetido o trabalho na contemporaneidade.

O conteúdo jornalístico produzido está intrinsecamente vinculado às suas condições de financiamento (MARCONDES FILHO, 1984), fato já abordado desde o surgimento do modelo de anúncio publicitário e do marketing de conteúdo, e mais recentemente pelo formato de notícias *clickbait*. A realidade dos arranjos alternativos de jornalistas é, justamente, alternativa ao modelo econômico hegemônico e assumimos, assim, que a produção de seu conteúdo não pode ser compreendida de forma desvinculada de suas estruturas de custeamento e consequentes modelos de trabalho decorrentes de tais estruturas.

Nossa pesquisa temática apontou para a existência de múltiplas fontes de recursos aos quais os arranjos alternativos recorrem, tais quais as doações e editais públicos e privados, o *crowdfunding* – financiamento coletivo em plataformas digitais, os anúncios, as assinaturas e, por fim, nosso foco de análise – as fundações privadas. Notamos dois pontos importantes a partir disto: i) as inúmeras fontes possíveis não garantem a efetividade do financiamento, de tal forma que muitas iniciativas padecem de falta de recursos; ii) a importação do modelo de ‘captação de recursos’ já amplamente instituído no chamado terceiro setor corrobora para assumirmos o conceito de que se forma um novo campo no qual a comunicação passa a ser tratada como uma questão social (YAZBEK, 2018; MONTAÑO, 2002).

Nos deparamos com a contradição evidente entre a circulação de interesses do grande capital representados pelas fundações privadas, e o vínculo intrinsecamente estabelecido com as iniciativas de mídia alternativa por meio dos contratos de

financiamento. Por entender que esta relação reflete conflitos anteriores e resultantes do formato global de expansão da acumulação capitalista, adotamos a realidade do Brasil e da América Latina como foco de análise, buscando revelar que a produção e a reprodução das relações de dominação se constituem, entre outras estratégias, a partir do controle da circulação de sentidos contra hegemônicos (WILLIAMS, 1979), no qual a comunicação e a mídia representam uma das principais ferramentas.

3. HISTÓRICO DO FINANCIAMENTO DA ‘QUESTÃO SOCIAL’, HEGEMONIA E IMPERIALISMO

O papel das fundações empresariais privadas remete ao nascimento da Organização das Nações Unidas e a ampliação do modelo de gestão privada da questão social a partir de políticas internacionais guiadas pela ótica liberal (CALEGARE; SILVA JUNIOR, 2009). O período, marcado pelo término da 2ª Guerra Mundial, e consequente avanço do embate político, econômico e ideológico que culminou na posterior Guerra Fria, é simbólico de disputas entre poderes hegemônicos por influência nos territórios considerados, na época, subdesenvolvidos ou de terceiro mundo.

A realidade do Brasil e da América Latina, neste contexto, é de posição periférica perante as circunstâncias econômicas globalmente estabelecidas, condicionantes de um desenvolvimento social dependente, e que confere um caráter próprio de relações e correlações de forças entre as distintas camadas sociais e poderes locais, ambos submetidos às forças impostas irrestritamente pelos interesses do capital transnacional (FERNANDES, 1973). Ou seja, as condições para superação deste subdesenvolvimento não apenas não estão restritas às possibilidades internas das nações, como também a manutenção deste modelo de dependência se revela de amplo interesse externo.

Desde o período colonial, os países do norte global, de capitalismo considerado desenvolvido, representados por seus governos e suas indústrias, almejam remediar os problemas decorrentes da insuficiência ou queda da acumulação por meio da influência imperialista no sul global – os países considerados de capitalismo tardio (FERNANDES, 1973). Tal influência vem a se expressar de diferentes formas: assume primeiramente um caráter mais imediatamente econômico, comercial e industrial e, em uma instância mais profunda, um caráter sociocultural. Ambos os aspectos são reflexo do mesmo objetivo

comum de constituição e circulação de sentidos que favoreçam a continuidade deste sistema de intervenção.

É nesta conjuntura que, visando impulsionar uma reestruturação global mediante a geração de mercados que atendam as demandas de acumulação e sob a retórica da cooperação internacional como provedora de integração e progresso (SALLES, 2015), o grupo de países liderados pelos Estados Unidos passou a criar, com a chancela das Nações Unidas, uma série de instrumentos de fomento técnico, financeiro e creditício ao desenvolvimento econômico e social em países subdesenvolvidos, como é o caso na América Latina da CEPAL, em 1948, e posteriormente do Programa Aliança para o Progresso, em 1961.

Dentre diversos mecanismos de poder, uma das estratégias de intervenção se estabeleceu via financiamento advindo destes organismos e repassado aos países de duas formas: por intermédio dos governos locais, o que posteriormente implicou na formação da dívida externa, e por meio das organizações sem fins lucrativos de vinculação comunitária, nomeadas pela ONU como organizações não governamentais - ONGs. Neste período, as ONGs associavam-se às causas populares e eram fortes aliadas dos movimentos sociais (LANDIM, 1988; GOHN, 2013), aos quais faziam repasses dos recursos advindos da cooperação internacional, aludindo assim a uma relação sustentada no tripé *capital transnacional – ONGs – movimento sociais* que, de um lado, viabilizou a efetivação dos interesses macroeconômicos e, de outro, dos interesses locais de tendência popular, fomentando de certa forma um desenvolvimento social paradoxal, pois:

responde aos interesses do grande capital de se expandir nos países periféricos, produzir a baixos custos, ampliar seu mercado de consumo, retomando e incrementando o super-lucro, mas também incorpora de forma segmentada e pontual interesses e demandas dos setores populares das nações periféricas. (MONTAÑO, 2014, p. 69)

Para manter as estruturas de hegemonia e dominação, os discursos em circulação sofrem um deslocamento a partir da ressignificação de conceitos historicamente vinculados aos movimentos dos trabalhadores, com o intuito de esvaziar sentidos e despolitizar o debate social. Segundo Evelina Dagnino, os enunciados hegemônicos se perpetuam de forma sutilmente construída por meio do uso de referências comuns como parte do que chamou de *confluência perversa*, no qual o deciframento dos reais interesses

torna-se verdadeiramente custoso, em especial para os próprios membros da chamada ‘sociedade civil organizada’, que muitas vezes não percebem a dissemelhança de sentidos destes vocábulos quando empregados a serviço da lógica dominante, por lhes serem tão familiares - “a disputa política entre projetos políticos distintos assume então o caráter de uma disputa de significados para referências aparentemente comuns: participação, sociedade civil, cidadania, democracia” (2004, p. 198).

A operação do capitalismo global que se estrutura mediante lógicas intervencionistas não busca apenas estabelecer as condições materiais imediatas de acumulação por meio da oferta de crédito, de recursos, e da mobilização de mercados e trabalhadores. Para que este modelo calque condições de produção e sua constante reprodução, é basilar que se legitime no campo sociocultural. Isto é, o estabelecimento de uma sociedade que incorpora as lógicas que atendem aos interesses hegemônicos. A intervenção não cria meramente demandas de mercado, mas está longe de representar a promoção do desenvolvimento social em si mesmo. Para além de movimentar o capital, busca-se uma janela de oportunidade para a atuação na formação ideal da sociedade, para moldar e atuar sobre o conjunto de ideias que a move (MARX; ENGELS, 1998).

Somando-se os fatores da diminuição do Estado e da ideologia individualizante (DARDOT; LAVAL, 2016), o resultado deste fenômeno social é a supremacia da entidade privada e das organizações que vão assumir as responsabilidades públicas pelo desenvolvimento social, mas agora com um caráter privado e permeado pelo neoliberalismo. Exaltam-se os sentidos da transformação e da mudança social, mas a partir da força individual. A retórica é a de uma sociedade que só pode avançar pela iniciativa individual, pelo engajamento dos sujeitos (GROHMANN, 2018; BASTOS, 2020). É nesta esteira que os movimentos progressistas de base popular, em grande medida, adentram neste modo de operar. Ao incorporar estes sentidos, passam a se pensar fugindo das lógicas hegemônicas, atuando no sistema de ‘projetos’, guiados pela mentalidade do ativismo *ongueiro*, inviabilizando qualquer *práxis* revolucionária.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo de uma abordagem crítica da realidade social, adotamos como principal procedimento metodológico a dialética materialista, que busca reproduzir o real aparente no plano ideal para desvelar a essência do objeto:

Não se trata, como pode parecer a uma visão vulgar de “crítica”, de se posicionar frente ao conhecimento existente para recusá-lo ou, na melhor das hipóteses, distinguir nele o “bom” do “mau”. Em Marx, a crítica do conhecimento acumulado consiste em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites – ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais. (NETTO, p. 6)

Propomos, portanto, em última análise, uma teorização sobre a sociedade burguesa, e assumimos o fenômeno de vínculo entre fundações privadas e comunicação como representativo de parte desta realidade. Esta que, por sua vez, se fabrica em uma aparência instituída pela ideologia dominante do terceiro setor, e que demanda um mergulho em sua essência na busca pelo fenômeno real.

A abordagem teórico-metodológica do binômio comunicação e trabalho, proposta por Figaro (2005), também guia transversalmente todo o estudo, assumindo papel de extrema importância pois representa a ponte, de intersecção possível entre o campo da comunicação e a ótica marxista, tendo a comunicação, a linguagem e o trabalho como elementos fundantes.

Na primeira etapa de definição do objeto, adotamos o levantamento bibliográfico e o levantamento documental como instrumentos que compõe o método. Como parte das fases de observação, descrição e interpretação, propomos um planilhamento de arranjos de jornalismo alternativo, destacando as categorias: a) qual fundação privada financia a iniciativa; b) qual é o arranjo de mídia alternativa financiado; c) qual a descrição do projeto; d) qual a localidade do arranjo; e) qual o valor do aporte.

Estes dados são mapeados a partir de levantamento de documentos públicos expostos nos *websites* das fundações privadas e dos arranjos jornalísticos, sendo eles: relatórios de atividades; balanços fiscais; documentos institucionais, entre outros. Vale destacar que nem todas as organizações dispõem estas informações publicamente.

O levantamento resultou em um planilhamento prévio dos dados encontrados, resumidos em tabelas apresentadas em seguida. Nesta fase, o critério de inclusão das iniciativas considerou o programa ou linha de financiamento oficial da fundação e a “descrição do financiamento” como pertencendo a áreas correlatas ao campo da comunicação e das mídias. A Open Society e a Luminate contam com programas específicos para jornalismo independente, e as demais contam com linhas de financiamento com denominações mais amplas ou genéricas, mas que podem englobar iniciativas jornalísticas. Nesta fase da pesquisa excluímos do levantamento financiamentos para universidades e agências de comunicação.

Abaixo exemplificamos as linhas de financiamento oficiais das 4 fundações pesquisadas: Open Society Foudantions, Ford Foundation, OAK Foundation e Luminate.

Tabela 1 – Linhas de financiamento das fundações privadas internacionais

NOME DA FUNDAÇÃO	PROGRAMA / LINHA DE FINANCIAMENTO
Open Society Foundations	Programa de Jornalismo Independente
Ford Foundation	Criatividade e liberdade de expressão; engajamento cívico e governamental; tecnologia e sociedade.
OAK Foundation	Programa Brasil com foco em engajamento cívico
Luminate	Programa de mídia independente; programa de engajamento cívico; programa de dados e direitos digitais

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados nos *websites* das fundações Luminate, OAK, Ford e Open Society.

5. FINANCIAMENTO DA MÍDIA INDEPENDENTE E ALTERNATIVA

A gestão do chamado investimento social a partir da instituição de fundações vinculadas às grandes corporações ou fortunas compõe parte da realidade de privatização do trato da questão social. O fenômeno passou a ser denominado de forma positivada como filantropocapitalismo, e reivindica uma ‘nova postura’ por parte dos grandes doadores, agora mais orientada para o atingimento de metas e resultados e estabelecimento de indicadores do que a filantropia típica do século XX, incorporando ainda mais as práticas e os discursos característicos do capitalismo neoliberal contemporâneo. Para McGoey (2015), ao contrário do discurso de inovação ao unificar caridade com negócios estratégicos que tenta lançar o filantropocapitalismo, o modelo corporativo tipicamente privado da filantropia existe desde os primórdios da acumulação

primitiva do capital. A autora aponta que uma das características deste sistema é a elevação do próprio capitalismo a um imaginário de naturalmente caridoso e socialmente responsável.

Joan Roelofs (2003) aponta a ausência de estudos críticos sobre a influência e poder das fundações como reflexo direto do financiamento que as mesmas direcionam para a produção do conhecimento e Fisher (1983), ao investigar o investimento da Fundação Rockefeller no campo da produção científica das ciências sociais no século XX, aponta o interesse destas instituições em empossar intelectuais orgânicos na produção e reprodução da hegemonia social.

Neste sentido, propomos reflexão similar para compreender os sentidos do financiamento de veículos de mídia, em especial alternativos, e buscar responder aos questionamentos: a) em que medida estes contratos de financiamento materializam a manutenção de sentidos hegemônicos; b) o que o financiamento da comunicação como uma *causa social* revela sobre as estruturas de financiamento e sobre a própria comunicação; c) quais elementos sobre as práticas de trabalho e os conteúdos produzidos pela mídia alternativa indicam os limites impostos pela ideologia do terceiro setor e pela racionalidade neoliberal. Tais ponderações serão discutidas ao longo do desenvolvimento da tese que dá origem ao presente artigo. Por hora, apresentamos parte do levantamento de dados que sustentará a argumentação futura.

Primeiramente, relatamos o financiamento de algumas iniciativas selecionadas no Brasil em 2018 e 2019 e, em seguida, apresentamos o mesmo levantamento nos demais países latinos. Além da presença de arranjos de mídia alternativa, há também repasse de recursos para outros modelos organizativos ainda não identificados.

Dentre as maiores fundações privadas que investem em atividades de comunicação e mídia na América Latina mapeadas até o momento, identificamos a Open Society Foundations, a Fundação Ford, a Luminare (Omidyar Group) e a Oak Foundation. Nas tabelas, apresentamos alguns destes contratos de financiamento com informações oficiais dos *websites* das fundações. Não conseguimos ter acesso a todos os relatórios de atividades e financeiros das fundações, pois nem todas expõem publicamente tais informações, contudo todas listam suas doações, denominadas *grants*, e apresentam o nome da iniciativa financiada, a descrição do projeto e o valor aportado.

Tabela 1 – Financiamento de mídia por fundações privadas no Brasil em 2018 e 2019

FUNDAÇÃO PRIVADA	VEÍCULOS E INSTITUIÇÕES FINANCIADOS	DESCRIÇÃO DO FINANCIAMENTO (TRADUÇÃO PRÓPRIA)	LOCALIZAÇÃO	ANO	VALOR EM DÓLAR (US\$)
Luminate	Nexo	Para apoiar a Nexo, uma startup brasileira premiada de mídia independente apenas digital. Eles são movidos pelo objetivo de fortalecer a cidadania e a democracia por meio de informações e dados de alta qualidade e defendem a ideia de que o debate público respeitoso é possível e importante.	Brasil	2018	920,000 (US\$)
Luminate	Quebrando o Tabu	O Quebrando o Tabu é um meio de comunicação independente brasileiro com prioridade em termos sociais, que cobre questões de política / política e direitos humanos.	Brasil	2018	240,000 (US\$)
OAK Foundation	Marco Zero Conteúdo	Destacar os temas do Programa Brasil por meio da produção de conteúdo multimídia distribuído por meio de portal de notícias on-line e mídias sociais. Além disso, o Marco Zero Conteúdo conduzirá checagem de fatos e jornalismo investigativo para informar o debate público sobre as prioridades do Programa Brasil.	Brasil	2018	150,000 (US\$)
OAK Foundation	Centro Popular de Direitos Humanos (CPDH)	Prestar apoio fundamental ao CPDH para garantir os direitos da cidade e a liberdade de expressão das comunidades carentes e dos movimentos populares do Recife.	Brasil	2018	246,840 (US\$)
Open Society Foundations	Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - ABRAJI	Projeto Tim Lopes Fase 2 - mapeamento de ataques à imprensa	Brasil	2018	75,000 (US\$)
Open Society Foundations	Agência Mural de Jornalismo das Periferias	Para apoiar atividades beneficentes e educacionais do Núcleo de Apoio à Agência Mural	Brasil	2018	140,000 (US\$)
Ford Foundation	Article 19 Association - Brazil / Associação Artigo 19 - Brasil	Apoio geral para proteger a liberdade de expressão e os direitos de associação e manifestação, e para apoio central para litígios estratégicos, comunicações estratégicas e networking.	Brasil	2019	400,000 (US\$)
Ford Foundation	Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - ABRAJI	Renovar o Fórum Brasileiro de Liberdade de Informação e responsabilizar o governo por sua obrigação de garantir o acesso à informação pública, especialmente no que se refere a dados socioambientais e informações sobre terras de povos tradicionais.	Brasil	2019	200,000 (US\$)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados nos *websites* das fundações Luminate, OAK, Ford e Open Society.

O maior financiamento brasileiro listado partiu da Luminate para o Nexo, com um aporte de US\$920,000 em 2018. Na descrição, o veículo é apresentado como uma *startup* brasileira. Há também projetos de checagem de fatos, *fact checking*, como no caso do Marco Zero Conteúdo financiado pela OAK Foundation (US\$150,00); de defesa da liberdade de expressão como o Centro Popular de Direitos Humanos financiado pela OAK Foundation (US\$246,840) e a Artigo-19 financiada pela Ford Foundation (US\$400,00). A Agência Mural de Jornalismo das Periferias recebeu apoio da Open Society Foundations (US\$140,00), pertencente ao bilionário George Soros, para realizar atividades beneficentes e socioeducacionais, em um modelo de estruturação mais tipicamente do terceiro setor.

Tabela 2 – Financiamento de mídia por fundações privadas em países da América Latina³ em 2018 e 2019

FUNDAÇÃO PRIVADA	VEÍCULOS E INSTITUIÇÕES FINANCIADOS	DESCRIÇÃO DO FINANCIAMENTO (TRADUÇÃO PRÓPRIA)	LOCALIZAÇÃO	ANO	VALOR EM DÓLAR (US\$)
Luminate	Chaqueado	Apoiar a Chequeado no avanço de seus esforços de verificação de fatos na América Latina por meio de programas de automação, distribuição de conteúdo e alfabetização de dados.	América Latina	2018	680,000 (US\$)
Open Society Foundations	Verdes Memórias Associação	Apoie o crescimento do público e a expansão do projeto Fumaça (2018-2020)	América Latina	2018	200,000 (US\$)
Open Society Foundations	Fundacion Centro de Investigacion Periodistica	Fundos suplementares de 2019	América Latina	2018	105,387 (US\$)
Open Society Foundations	Instituto de Defensa Legal (IDL)	Para apoiar a Red de Periodismo Estructurado, uma rede que conecta e otimiza o trabalho investigativo de jornalistas.	América Latina	2018	90,00 (US\$)
Open Society Foundations	Red de Periodistas Sociales	Para fornecer apoio organizacional para as atividades de caridade do beneficiário	América Latina	2018	400,000 (US\$)
Open Society Foundations	Asoci.de Periodismo de Investigacion Ojo Publico	Ojo Publico Rede de investigação transfronteiriça	América Latina	2018	130,470 (US\$)
Open Society Foundations	Asociacion Civil Cronos	Cosecha Roja Fellowship	América Latina	2018	130,000 (US\$)
Open Society Foundations	Fundacion la voz Publica para la verificacion del discurso publico	Público em primeiro lugar - Checagem	América Latina	2018	9,892 (US\$)
Open Society Foundations	Asociacion por la Democracia y los Derechos Humanos	Apoio para continuar monitorando violações à liberdade de imprensa em Honduras	América Latina	2018	75,000 (US\$)
Open Society Foundations	Cooperativa de Trabajo Sudestada	2018-2020 plano de negócios	América Latina	2018	50,000 (US\$)
Open Society Foundations	El Quinto Elemento - Laboratory for Innovative and Investigative Journalism	2018-2020 apoio institucional	América Latina	2018	278,250 (US\$)
Open Society Foundations	Inversiones Multimedia S.A. (Invermedia)	Apoiar emergencialmente a Inversiones Multimedia para que Nicarágua continue a produzir notícias independentes para o público em geral.	América Latina	2018	145,000 (US\$)
Open Society Foundations	Chicas Poderosas	Para apoiar a construção da infraestrutura operacional, de comunicações e administrativa da organização.	América Latina	2018	150,000 (US\$)
Open Society Foundations	Camino SAS	Mutante: Experimento em jornalismo digital	América Latina	2018	25,000 (US\$)
Open Society Foundations	Consejo de Redaccion	Para apoiar atividades de caridade e educacionais do Seguindo a Trilha do Dinheiro da Paz Territorial	América Latina	2018	172,343 (US\$)
Open Society Foundations	Editorial Animal S de RL de CV	Checagem cruzada nas Eleições Mexicanas	América Latina	2018	78,700 (US\$)
Open Society Foundations	NOPEVA, S.A. Nómada	Para apoiar atividades beneficentes e educacionais da Unidade de Negócios e Jornalismo de Nomada, 2018-2019	América Latina	2018	200,000 (US\$)
Open Society Foundations	Asociacion por la Democracia y los Derechos Humanos	17- Pasos de Animal Grande - Criação de uma rede de correspondentes	América Latina	2018	20,000 (US\$)
Open Society Foundations	Centro de Jornalismo Investigativo	Labs - Casa Pública	América Latina	2018	80,000 (US\$)
Luminate	International Center for Journalists (ICFJ)	Apoiar o estabelecimento da Velocidad, uma aceleradora de mídia que fornece capacitação e financiamento para organizações de mídia independentes com e sem fins lucrativos.	América Latina	2019	459,864 (US\$)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados nos *websites* das fundações Luminate, OAK, Ford e Open Society.

³ Os *websites* das fundações privadas não esclarecem quais os países de origem de cada uma das iniciativas financiadas. O levantamento para essa informação está sendo feito a partir da busca nos *websites* das próprias iniciativas, contudo esta informação não foi incluída no presente artigo.

Como exemplo bastante recente, nos chamou atenção que, em agosto de 2019, o International Center for Journalists, ICFJ e a SembraMedia, com o financiamento da Luminate, lançaram o programa Velocidad:

uma aceleradora de meios de comunicação da América Latina. Seu objetivo é fomentar a sustentabilidade e o crescimento de projetos jornalísticos nativos digitais ou com uma estratégia de crescimento focada na modalidade digital e em temas de interesse público, de alta qualidade jornalística e independência editorial.⁴

A Luminate pertence ao Omidyar Group, fundada por Pierre Omidyar, idealizador do eBay - uma das gigantes *big techs* do Vale do Silício, que também é o principal financiador da agência de notícias independente Intercept. Pierre e sua esposa Pam são signatários do Giving Pledge, acordo idealizado por Bill e Melinda Gates para incentivar as famílias mais ricas do mundo a doarem parte significativa de suas fortunas para a caridade, buscando atribuir legitimidade ao modelo do filantropocapitalismo.

O combate à desinformação, a checagem de fatos, a defesa de direitos digitais e a produção de um jornalismo independente também são temas recorrentes nos demais projetos financiados na América Latina. A adequação do trabalho jornalístico e dos conteúdos produzidos ao formato das plataformas digitais também ganham destaque, como no caso do Programa Velocidad, conforme discutido por Camargo et al. (2020, p. 18) “considerando que a crise gerada no setor de notícias deixa o terreno propício para que as empresas e arranjos jornalísticos sejam reformulados conforme o modelo desejado pelas plataformas”.

Dado o cenário apresentado, vem a importância de desenvolver um estudo que visa elucidar a questão de como a produção ideal (comunicacional) no século XXI, mesmo em suas formas consideradas contra hegemônicas ou alternativas, operam como parte das ideologias dominantes ao ponto de terem, inclusive, suas pautas intimamente cooptadas e incorporadas nas práticas liberais. Nas próximas etapas será primordial adentrar nos estudos que contrapõem os conceitos de comunicação alternativa, independente e popular, tendo em vista que os resultados prévios do planejamento indicam que muitas destas iniciativas financiadas por grandes fundações adotam a

⁴ VELOCIDAD. **O que é e por que foi criada a Velocidad?**. 2019. Disponível em: <<https://www.velocidad.fund/pt-br/programa/>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

terminologia de comunicação/jornalismo independente, e não alternativo ou popular, o que parece – a princípio – estar mais alinhado com às práticas liberais.

CONSIDERAÇÕES E PRÓXIMOS PASSOS

Propomos um mergulho em compreender como o capital inviabiliza, justamente, a potencialidade de existência do que seria uma ideologia da classe trabalhadora (GRAMSCI, 1999), ao dificultar a tomada de consciência da realidade como ela é. Especialmente, buscamos estudar como o capital consegue se apropriar das pautas e dos sentidos que tenham típica ou residualmente caráter anticapitalista, se perpetuando ao fazê-lo. No campo da comunicação, especificamente, este *modus operandi* é essencial para criar os sentidos que circulam na sociedade e moldam seus indivíduos. Se Marx e Engels (1998) já apontaram que o ser humano só consegue atuar no mundo segundo sua percepção da realidade, então é evidente que a desmistificação da realidade social é essencial para a emancipação de classe, ao mesmo tempo em que se entende porque é importante para o capital sua contínua e renovada mistificação.

A premissa da filantropia no modelo das bilionárias fundações faz crer que os problemas da sociedade serão solucionados pelos seus próprios causadores. Por outro lado, é inegável que a crítica às estruturas do terceiro setor é complexa, tendo em vista que, em muitas medidas, a classe trabalhadora vê na instituição de ONGs uma tática possível de transformação da realidade em uma ótica reformista, conformada. Um dos aspectos que buscamos transparecer é que a crítica não é direcionada aos sujeitos trabalhadores, na verdade não estamos tratando sequer de uma oposição às organizações sociais ou arranjos jornalísticos em si, mas sim do modelo que estão subjugados, e o papel que consequentemente exercem no funcionamento da sociedade neoliberal.

As organizações sociais de base comunitária, por exemplo, são compostas por sujeitos que se encontram à margem das estruturas sociais e são, eles próprios, vítimas da exploração e da opressão ao qual tentam combater por meio do trabalho neste chamado terceiro setor. Em obra organizada pelo coletivo Incite! (2007), o universo das ONGs é apresentado a partir da instituição do conceito de *Non-profit Industrial Complex (NPIC)*, Complexo industrial sem fins lucrativos em tradução nossa. Diferente da noção de terceiro setor e sociedade civil organizada, que localizam o debate em uma divisão alegadamente equilibrada entre Estado, mercado e organizações sem fins lucrativos, a

concepção de NPIC traz o capital para a centralidade da discussão ao promover a associação direta à uma estrutura tipicamente capitalista tal qual a indústria.

A literatura existente sobre as práticas de ONGs e fundações revela sua ampla aceitação enquanto mediadores da realidade social, em especial na construção de uma visão homogênea e consonante ao que tange o ideário da *questão social* como apontado por Yazbek (2018) e Montañó (2002).

A vasta produção científica de áreas como as ciências sociais aplicadas não apenas assume a noção de terceiro setor como um conceito legítimo, como naturaliza sua essência enquanto um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento social. A investigação do fenômeno pela ótica material e histórica revela, contudo, sua gênese liberal enquanto propulsora de uma narrativa individualizante das problemáticas sociais. A caracterização de uma sociedade civil que se organiza em defesa do combate às desigualdades desresponsabiliza o Estado e, principalmente, o capital por problemas por ele gerados. Nosso desafio a partir de agora é apontar as raízes deste fenômeno no campo do financiamento da comunicação, em especial quando ela se apresenta independente e alternativa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital** /. Ricardo Antunes. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

BASTOS, P. N. Dialética do engajamento: uma contribuição crítica ao conceito. *MATRIZES*, 14(1), 193-220. 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p193-220>

BELL, E.; OWEN, T. **The platform press: How Silicon Valley reengineered journalism**. Columbia University, 2017.

CALEGARE, Marcelo; SILVA JUNIOR, Nelson. A “construção” do Terceiro Setor no Brasil: da questão social à organizacional. *Psicologia Política*. v. 9, n. 17, p. 129-148, jan./jun. 2009.

CAMARGO, C. **A comunicação do “terceiro setor” como expressão do neoliberalismo: as práticas discursivas e os sentidos do trabalho em ONGs de comunicação**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CAMARGO, C.; NONATO, C.; PACHI FILHO; F.; LELO, T. O financiamento de arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia por plataformas digitais. **18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Nov. 2020.

CASAQUI, Vander. Empreendedorismo como fenômeno comunicacional, como discurso social e como inspiração. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 16, p. 202-212, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAGNINO, Evelina. Confluência perversa, deslocamento de sentido, crise discursiva. In:

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. **Leituras do jornalismo**. Ano 02, Volume 02, No 4, 2015.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FÍGARO, Roseli. (Org.). **Gestão da comunicação no mundo do trabalho, educação, terceiro setor e cooperativismo**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2005. v. 1.

FIGARO, Roseli. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia (org)**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FISHER, Donald. ‘The role of philanthropic foundations in the reproduction and production of hegemony: Rockefeller Foundations and the social sciences’, **Sociology**, 17:2, 1983.

GOHN, Maria da Gloria. **Sociedade Civil no Brasil: movimentos sociais e ONGs**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 14, p. 238-253, mai./ago. 2013.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GROHMANN, Rafael. A Noção de Engajamento: sentidos e armadilhas para a pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 25, n. 3, 2018.

HARVEY, David. **A Loucura da Razão Econômica: Marx e o Capital no Século XXI**. Boitempo, São Paulo, 2018.

HILSENBECK FILHO, Alexander; MACIEL, Danielle; OLIVEIRA, Taiguara. Jornalismo por projetos? Cidadania, engajamento e novos modelos produtivos nas redes digitais. **Contemporânea** (UFBA. Online), v. v. 14, p. 72-88, 2016.

LANDIM, Leilah. **As Organizações Não-Governamentais no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER, 1988.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Imprensa e Capitalismo**. São Paulo, Kairós, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MCGOEY, L. **No such thing as a free gift: The Gates foundation and the price of philanthropy**, London, Verso, 304 p, 2015.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social**. São Paulo: Cortez, 2002.

MONTAÑO, Carlos. **O canto da sereia: crítica à ideologia e aos projetos do “terceiro setor” (org)**. São Paulo: Cortez, 2014.

NETTO, José Paulo. Introdução ao método da teoria social. In. **Serviço Social: direitos e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

NONATO, Claudia. O Jornalista em Pauta: mudanças no mundo do trabalho, no processo de produção e no discurso. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009**. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1120-1.pdf>>. Acesso em 04 out. 2019.

ROELOFS, Joan. **Foundations and public policy: the mask of pluralism**. Suny Press. 2003.

SALLES, Fernanda Cimini. O Papel da ONU e do Banco Mundial na Consolidação do Campo Internacional de Desenvolvimento. **Contexto int.**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 347-373, Aug. 2015.

SALGADO, Julia. A cultura empreendedora nos discursos sobre a juventude. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 25, p. 193-204, jun. 2013.

VELOCIDAD. **O que é e por que foi criada a Velocidad?**. 2019. Disponível em: <<https://www.velocidad.fund/pt-br/programa/>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

YAZBEK, Maria Carmelita. Serviço Social, Questão Social e Políticas Sociais em tempos de degradação do trabalho humano, sob o domínio do capital financeiro. **SERVIÇO SOCIAL EM REVISTA**, v. 21,n.1, p. 183-194, 2018.